



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

NOVAS TENDÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS E AS PRODUÇÕES DIDÁTICAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Fabírcia Evellyn Araújo Medeiros
Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

Universidade Estadual da Paraíba

Fabriciaevellyn3@gmail.com

RESUMO

Este artigo é resultado das análises realizadas durante o projeto PIBIC/UEPB cota 2014/2015, o qual tem por título “O livro didático de história e a recepção da história cultural e da história social”. Procurando investigar algumas transformações que vem ocorrendo no ensino de História, este projeto toma como ponto de partida uma breve análise da História Cultural e da História Social, campos da História que são resultados de algumas transformações que ocorreram no próprio campo de pesquisa historiográfica. Daí então nos propomos a analisar as produções das coleções dos livros didáticos de História dos últimos anos, e, como estes campos referentes a nova historiografia tem chegado aos livros didáticos de história de ensino fundamental e médio. Procuramos identificar algumas temáticas como a história do cotidiano, das mulheres, a história da infância, do imaginário, da vida privada, do medo, do amor, da alimentação, do regionalismo e se estas saem então da academia para chegar aos professores do ensino básico, e também de maneira consciente e contextualizada aos alunos, e como professores já com uma longa pratica de ensino tem dialogado ou não com essa nova perspectiva histórica e essas novas temáticas, sujeitos e conceitos que fluíram em nossa historiografia. Pois a priore temos a sensação de uma enorme descontinuidade entre os conhecimento produzidos na academia e o que fazem os professores do ensino médio e fundamental de escolas públicas e privadas. Procuramos investigar sobretudo os materiais didáticos, estes que buscam reunir uma sequência de conteúdos a serem transmitidos para os alunos e ainda consistem como verdadeiros manuais para os professores que muitas vezes utilizam apenas ele como material de aporte teórico e metodológico. Para analisar esta proposta foi necessário a leitura de alguns autores importantes que trabalham com a história Cultural, com a História Social e com as temáticas da história da educação, além de uma análise bibliográfica referente às novas tendências historiográficas, e da análise das próprias coleções de livros didáticos de diferentes autores e editoras.

PALAVRAS CHAVES: Livros didáticos, História Cultural, História Social, novas tendências historiográficas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Pensar o ensino de História não tem sido uma tarefa fácil aos pesquisadores, professores e alunos em suas práticas de ensino e cursos de graduação em História pelo Brasil. Principalmente quando o próprio campo da pesquisa histórica em geral passa por algumas mudanças de concepções teóricas e metodológicas, e mais ainda, quando estas mudanças chegam um pouco tardiamente ao Brasil, enquanto em outros países já vem sendo discutidas a alguns anos.

Ao relacionarmos o ensino de História com os aspectos teóricos da disciplina e as pesquisas historiográficas mais recentes procuramos propor um recorte para nossa pesquisa onde lançarmos o olhar para as coleções dos livros de História do ensino fundamental e médio e as ressonâncias e recepção da História Cultural e da História Social nas coleções de livros didáticos de História, sobretudo nas coleções analisadas.

Não há como falar em História Social e História Cultural sem fazer referência aos movimento dos Annales, que começou em 1929 a partir da fundação da revista dos Annales por Marc Bloch e Lucien Febvre e ao marco simbólico que este movimento causou entre as duas posturas historiográficas, uma “nova História” advinda com as novas abordagens temas e metodologias a uma História tradicional com abordagens ditas Rankianas.

Neste cenário de novas pesquisas historiográficas emerge o trabalhos de alguns historiadores como dos fundadores do movimento dos Annales, Marc Bloch e Lucien Febvre, e de seus sucessores, além de outros historiadores assim como Fernand Braudel, Jacques Le Goff, Roger Chartier, Norbert Elias, Peter Burke, Carlo Ginzburg, Robert Darnton, Edward P. Thompson, Philippe Ariès, Georges Duby dentre outros historiadores.

De acordo com Hebe Castro (1997), no Brasil, em universidades como a USP onde tiveram os reflexos pioneiros das ciências sociais abriram-se as portas para a História e para a profissionalização do historiador. Os cursos de graduação como o da Universidade Federal Fluminense por exemplo passaram a reformular seus currículos contemplando novos e diversos eixos temáticos. Sendo assim, nas décadas de 1950 e 1960 as universidades brasileiras já sofriam marcante influencia em seus trabalhos da História econômica e social dos Annales.

Hoje muitos dos historiadores e professores que foram formados durante este período são responsáveis pela produção dos livros didáticos utilizados nas escolas públicas e particulares do Brasil. São alguns destes autores que já trabalham no campo editorial a alguns anos, os quais analisamos algumas de suas obras e um pouco de sua formação acadêmica para que assim possamos ver os reflexos e ressonâncias desta nova historiografia brasileira e dos trabalhos desses historiadores nos livros didáticos de História que orientam professores e alunos no ensino básico.

Alguns dos trabalhos da História Cultural e Social encontram-se mesmo como referenciais bibliográficos nos materiais analisados, e a maioria dos autores dos livros também são especialistas nestes campos historiográficos. Mas a grande questão a saber é, se de fato e como elas estão sendo discutidas nos conteúdos dos livros didáticos e ainda como aplicar e contextualizar tais obras que abordam uma minoria marginalizada e alguns outros temas como



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

a história das mulheres, história do cotidiano, da família, a história afro-brasileira ou até mesmo as coleções de História da vida Privada que foram produzidas com uma nova perspectiva e abordagem do passado trazendo novos temas, de forma significativa para o aluno.

Analisar as produções dos livros didáticos consiste em apreender uma densa trama de saberes, referências, autores, editoras e mercado, que por sua vez selecionam e organizam os conteúdos e maneiras de abordagens da tão importante ferramenta que é o livro didático, meio de comunicação e suporte de várias seleções culturais, as quais são transmitidas por gerações. A nova História Cultural e Social, base teórica de alguns autores dos livros didáticos vem sendo recentemente implementada nos livros didáticos, ainda de maneira muito tímida, mas já contrapondo-se ao enfoque tradicional e positivista de nossos livros didáticos.

No atual século XXI os livros didáticos trazem com riqueza de detalhes a história e a cultura dos povos indígenas, dos povos africanos e da escravidão no Brasil. A História social no Brasil desde os anos de 1960 por exemplo concentrou o seu maior número de trabalhos e discussões em campos como o da História Social da família, história social do trabalho e história social do Brasil colonial e da escravidão.

Dos livros didáticos analisados, em referência a estes temas que atualmente são muito discutidos no Brasil encontramos em alguns, grande referência a estas temáticas da História do Brasil. Contudo a História Social e Cultural alarga não só os temas referentes a história indígena ou a escravidão, mais todos os outros temas históricos que poderão então se expandir e expandir também suas abordagens.

As materiais didáticos, instrumentos de trabalho de professores e alunos em sala de aula também tem se renovado e se diversificado, e são cada vez mais utilizados nas aulas de História, não só os livros didáticos, mas também filmes, jornais, revistas, musicas, mapas, pinturas, dados estatísticos, paradidáticos e muitos outros materiais que vem contribuir como suporte para o ensino e aprendizagem nas escolas.

A pratica do professor deve contar com elementos de pesquisa também do próprio campo do trabalho, ou seja, da história enquanto disciplina escolar, porque, como afirma Furet, “a história, para existir como disciplina escolar, teve de sofrer várias mutações, de modo a constituir um campo do saber ao mesmo tempo intelectualmente autônomo, socialmente necessário e tecnicamente ensinável”. (NADAI, BITENCOURT, 2012, P.99).

Direcionando então a questão para o campo do Ensino de História, após termos consciência da amplitude do conhecimento histórico e dos trabalhos de pesquisas realizados na academia, da modernização e alargamento do saber histórico, resta-nos saber se tudo isso foi, ou está sendo incorporado pelo livros didáticos, visto que a grande dificuldade está na interlocução entre a escola de ensino básico pública e privada com as pesquisas acadêmicas e dos historiadores profissionais.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Segundo Circe Bittencourt (2004) tomando por fonte dados das editoras, a disciplina de História é que mais apresenta um número elevado de títulos paradidáticos, uma produção que continua a crescer devido a indefinição de conteúdos propostos para o ensino fundamental e médio e quando segundo a autora é a fase em que eles apresentam conteúdos mais limitados.

Assim como o conhecimento histórico foi capaz de renovar-se, e a cada dia ainda encontram-se novas lacunas a serem preenchidas na história, o livro didático vem consequentemente adaptando-se a estas mudanças, renovando seus textos e seus conteúdos. A mudança na ordem mundial também leva aos próprios professores refazerem suas práticas de ensino, e é fato que ainda no século XXII a vontade de mudança ainda esbarra na resistência ao tradicionalismo.

METODOLOGIA

A pesquisa constitui-se da análise e compreensão das mudanças teóricas e metodológicas que ocorrem no campo da História em torno das últimas quatro décadas, problematizando seus impactos sobre o ensino de História e sobre a produção dos livros didáticos. Foram selecionadas algumas coleções de livros didáticos de história, além de um recorte espacial os quais serão analisados as aplicações temáticas dessa nova historiografia presente nos livros didáticos, privilegiando a História do Brasil (Colônia, império e republica).

Em relação ao objeto de nosso trabalho, que se concentra na análise das ressonâncias da História Cultural e da História Social no livro didático de História, encontramos muitos referenciais teóricos, no entanto, percebo que trabalha-se muito a questão de forma dissociada cabendo a nos associar teoria e prática de ensino. Autores como Lynn Hunt, Thompson, Ginzburg, Chartier e Peter Burke nos ajudarão a compreender os caminhos e aspectos principais das chamadas História Social e Cultural. E para analisar a sua reverberação no livro didático e no ensino de história, autores como Circe Bittencourt, Leandro Karnal, Jayme Pinsky, e alguns artigos que nos colocarão a par deste diálogo entre as novas tendências e seus efeitos no ensino e no livro didático de história.

Após a leitura do referencial teórico relativo as mudanças teórica e metodológicas da historiografia e do campo histórico, ainda referente as pesquisas e discursões dos livros didáticos do ensino de História, partimos para a análise das coleções de livros didáticos de ensino fundamental e médio de História consumidas atualmente nas escolas da rede pública e privada.

RESULTADOS

Esta pesquisa nos propôs realizarmos uma breve radiografia da produção de livros didáticos produzidos pelo mercado editorial, e que tem sido consumidos nas escolas de rede pública e privada durante os últimos anos, em função de alguns critérios, como, a análise do



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

lugar social a qual seus autores estão inseridos, a estrutura conteudística, avaliativa e representativa dos livros, bem como algumas temáticas centrais que tem proporcionado grandes investigações relativas ao saber histórico contemporâneo.

Analisando a produção dos livros didáticos de História, uma das primeiras observações a que nos recorreremos, é da estrutura a que seguem cada capítulo, assim também como o uso de imagens nas quais observamos suas explicações e contextualização dos conteúdos a que fazem referência, fundamentalmente importante, visto que, os livros didáticos passam a apresentar cada vez mais imagens, que são utilizadas como instrumento e recurso didático para melhor compreensão dos alunos.

Fazendo o recorte da análise de duas coleções, uma de ensino fundamental e outra de ensino médio, escolhi destacar aqui ambas do mesmo autor. Uma das primeiras coleções a serem analisadas foi a coleção “**Saber e Fazer História**” de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, onde na abertura de cada unidade apresenta-se uma imagem acompanhada por uma legenda explicativa, esta imagem é relacionada ao tema abordado durante todo o capítulo. O texto que segue cada capítulo tem linguagem clara, com o apoio de imagens, fotografias, pinturas, esculturas, mapas complementares, contextualizadas e antes de tudo explicadas com referências aos temas abordados. Além de indicações de leituras, sugestão de sites e filmes complementares aos conteúdos.

O autor Gilberto Cotrim é bacharel e licenciado em História pela Faculdade de Educação – USP e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie. Atua como professor de História na rede particular de ensino e no campo editorial. O autor Jaime Rodrigues é Bacharel e licenciado em História pela USP, doutor e mestre em História social do trabalho pela Universidade Estadual de Campinas, professor da graduação e pós-graduação em História na Universidade Federal de São Paulo e ex-professor de história nas redes pública e particular de ensino. Suas principais áreas de atuação são em história do Brasil, com trabalhos e pesquisas sobre a escravidão, tráfico de escravos, história atlântica, história da alimentação, patrimônio histórico, organização de acervos e saúde pública.

A coleção escrita por estes autores possui uma seção intitulada **Ler e compreender documentos**, que traz a reprodução de um documento histórico, a seção **Em questão**, que traz debate de historiadores e novidades das pesquisas históricas, a seção **Outras histórias**, que vem ampliando os assuntos com imagens, textos, reportagens e mapas e a seção **De volta ao presente**, que vem fazendo a relação passado-presente entre os temas abordados, tal seção atende as atuais propostas curriculares da participação social e do aluno cidadão.

O conjunto de livros com volumes para o 6º, 7º, 8º e 9º ano apresentam o recorte tradicional dos livros didáticos que vão da História Antiga à história contemporânea seguindo a tradicional linha da linearidade dos fatos, apresentando os temas históricos com ênfase no seguimento de datas e dos grandes acontecimentos de destaque, trazendo a história dos grandes impérios, dinastias, monarquias, gerais, e grandes guerras. A articula temas da História do Brasil e da História Geral apresentadas a partir de uma abordagem cronológica. Nos conteúdos são abordados aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, com foco na



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vida pública mais apresentando alguns aspectos também da vida privada, articulando diversas contribuições da historiografia mais recente e do ensino de história.

O outro manual didático do mesmo autor, Gilberto Cotrim é escrito em forma de volume único para o ensino médio, a obra “História Global, Brasil e Geral”, assim como a obra do ensino fundamental, esta é enriquecida de novos conteúdos, atividades e imagens. Na abertura de cada unidade é apresentada uma imagem com sua respectiva legenda, além de questões, que, junto com a imagem e o texto explicativo, levam o aluno ao debate, a refletir sobre a história e a relacionar o passado com o presente.

Cada capítulo da obra possui no final a seção “oficina de História”, com questões relacionando conteúdos, relacionando passado e presente, relacionando as mudanças e permanências e desenvolvendo atitudes. Além da seção “para saber mais” com indicações de vídeos e leituras de apoio sobre os temas abordados durante o capítulo e o quadro “vestibulares” com questões de História elaboradas em provas de vestibulares anteriores”.

As referências bibliográficas das obras estão em sua grande maioria baseadas nos autores e na historiografia na nova História. Assim por se tratar de uma matéria interdisciplinar usando elementos da antropologia, da História, da sociologia, da geografia e outras áreas afins, entre as referências bibliográficas estão alguns autores que não são propriamente historiadores, como Mikhail Bakhtin e Norbert Elias, historiadores culturais como Peter Burke, Fernand Braudel, Ciro Flamarion Cardoso, Jacques Le Goff, Paul Veyne, Eric Hobsbawm e sua clássica coleção “As Eras” usada em praticamente todos os didáticos que abrangem um longo período da História, e a clássica coleção dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby “História da Vida Privada” com cinco volumes que vão do Império Romano até os nossos dias.

Referentes a nova historiografia brasileira, aos campos da História Social e da História Cultural temos autores Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Leandro Karnal, Boris Fausto, João José Reis, José Carlos Reis, Darcy Ribeiro, além da coleção de História da Vida Privada no Brasil escrita organizada pelo historiador Fernando Novais e por Laura de Mello e Sousa escrita por vários historiadores.

Analisando alguns conteúdos das duas coleções de forma conjunta, já que são escritas também pelo mesmo autor Gilberto Cotrim, percebemos ainda uma divisão tradicional e linear disposta nos capítulos dos acontecimentos e da história da humanidade. Mas com enfoque nas temáticas e abordagens propostas pela nova História Social e pela História Cultural, que vem aos poucos sendo inseridos nas propostas curriculares e nos manuais didáticos de ensino fundamental e médio, escolhemos de cada coleção temáticas de series diferentes a serem analisadas a fim de observarmos como as novas abordagens estão sendo mencionadas, relacionando ainda com a formação acadêmica, e contexto social de formação dos autores dos livros didáticos de História.

Um traço importante a ser ressaltado quando nos referimos a esta periodização nos remete as fontes dispostas nesse desse período. Em sua maioria os documentos tratam da História política, das conquistas, dos grandes feitos e dos acontecimentos de destaque dos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

grandes reinos, impérios e repúblicas. No entanto, as últimas décadas do século XX, foram de intensificação de pesquisas em História Antiga inclusive pelos historiadores brasileiros, além das pesquisas arqueológicas que fizeram grandes e novas descobertas que juntos de ciências como a antropologia e a própria história puderam vir a interpretar novos fatos desta História.

E fato que a narrativa histórica dos livros didáticos não pode deixar de lado os grandes acontecimentos, que permitem a nós e nossos alunos a interpretarem a sociedade contemporânea, assim como os temas tradicionais não devem deixar de serem ensinados, os novos temas devem ser articulados a eles, complementando, aperfeiçoando cada vez mais o saber e aproximando o saber histórico da realidade social e cultural do aluno.

Mas podemos observar nas duas coleções de ensino fundamental e de ensino médio problematizações em relação a alguns conceitos como no caso ao termo pré-história, conteúdos como o dos primeiros povos da América sempre fazendo referência apenas a cultura Tupi, em todos os conteúdos e as diversas sociedades estudadas os temas comuns a serem abordados são sempre a políticas, as práticas religiosas, a cultura no geral a arte a pintura, a alimentação, moradia as crenças e ideologias de cada povo.

O livro rico em imagens, nos apresentam nos conteúdos referentes ao renascimento e sobre a arte renascentista, várias obras dos artistas mais conhecidos, como Rafael Sanzio, Leonardo Da Vinci, Ticiano e Michelangelo Buonarotti. Mas será que entre os artistas renascentistas não haviam mulheres? E se haviam, eram reconhecidas? Como eram tratadas? Muitos trabalhos historiográficos, até mesmo artigos já nos mostram a existência de mulheres pintoras renascentistas que destacaram-se como, Lavínia Fontana, Artemisia Gentileschi, Josefa de Óbidos, Sofonisba Anguissola e muitas outras com obras conhecidas e admiradas por críticos e pintores do seu tempo.

Na referências usadas para a construção da narrativa dos livro didático sobre a Idade Modernas, estão autores como, Jean Delumeau, Philippe Ariès, Peter Burke e Carlo Ginzburg. Lendo sobre a Inquisição por exemplo, vemo-las apenas como forma de dominação da Igreja católica sobre qualquer forma de heresia, não vemos por exemplo casos de minorias, ou personagens que foram condenados, e perseguidos pela inquisição como é o caso do moleiro Menocchio personagem do livro de Carlo Ginzburg *O Queijo e os Vermes*.

Neste caso temas como o das mulheres, do medo, amor, a infância, vida privada, loucura, sexualidade, personagens como os velhos, camponeses, mendigos são silenciados não encontram espaços nos livros. No entanto o professor pode mencionar, comentar, ler curiosidades, trechos de obras para os alunos, aumentando a visão reflexiva dos discentes, com informações, documentários, textos, mesmo que pequenos fragmentos de livros, como *História da Vida Privada, ou História Social da Criança e da Família* de Philippe Ariès, e outras obras que abordam estas temáticas, com linguagens mais acessíveis.

Uma temática atual também, discutida em todos os conteúdos deste volume é a religiosidade, tanto as religiões antigas quanto o cristianismo predominante durante a Idade Média, destacando até as formas de religiosidade e ritos populares mantidas pela população de forma proibida pelas autoridades. O atual estudo da religiosidade pode acabar levando ao



estudo de outras formas de manifestações religiosas, levando o alunos a refletir cada vez mais sobre a historicidade das atuais religiões.

CONCLUSÕES

Atualmente além de uma ampla discussão acerca da produção historiográfica e do papel do historiador como produtor e interlocutor desse conhecimento, uma nova discussão entra em cena, já que, com a ampliação do conhecimento histórico, de novas abordagens e novos temas é necessário também que o historiador e professor de história esteja sempre se atualizando, visto que, seu trabalho não é apenas tratar do passado em si, mais também tratar de novos temas do tempo presente, além de transmitir conhecimento a uma sociedade que está em constante movimento e mudança. Assim além dos clássicos da história tradicional produzida nos séculos XVII, XIII ou até antes, o historiador deve estar atento a essa nova produção historiográfica que está emergindo, atualizando-se metodologicamente e teoricamente.

Como mercadoria os livros didáticos atendem a uma norma padrão estabelecida pelo mercado, envolvendo uma densa trama de saberes de referência, autores e editoras, além dos projetos escolares, compradores e leitores finais, professores e alunos do ensino fundamental e médio. Tal produção nasce a partir de distintas visões acerca da cultura e da perspectiva histórica. De tal maneira podemos observar em cada livros as filiações e formações acadêmicas de seus autores.

Podemos perceber que a maioria dos autores são historiadores especializados no campo da História Social, alguns deles trabalham ou já com prática de ensino em series do ensino fundamental ao médio, em escolas da rede pública ou privada. Apenas dois das sete coleções analisadas não são formados em História, mais possuem algum tipo de especialização e também são especializados nas publicações de didáticos e paradidáticos.

No entanto a proposta da Nova História inclui a pratica da interdisciplinaridade, de tal forma que entre aos trabalhos historiográfico s destacam-se obras de antropólogos, sociólogos, geógrafos, assim como alguns autores dos livros didáticos analisados são formados em ciências sócias, e em língua portuguesa. Assim como houveram mudanças significativas, no alargamento dos horizontes da História, primeiramente as problematizações de conceitos pré-estabelecidos e a algumas periodizações, encontramos nos livros didáticos analisados a desconstrução de alguns termos como a famosa afirmação da Idade Média ser a Idade das trevas e da escuridão, e também a precisão de datas e linearidade dos fatos e acontecimentos.

Observamos nos livros didáticos sempre a menção as fontes usadas pelos historiadores, representadas nos livros através de imagens, alguns documentos, jornais, pinturas, charges, fotografias, e etc. Há sempre textos complementares e atividades mais reflexivas antes das atividades e exercícios de múltipla escolha.



Os atuais livros didáticos vem sofrendo muitas mudanças e também exigências do mercado consumidor. Mesmo assim o maior problema é na estruturação de seus conteúdos, escrita de forma categórica e simplificada acabam expressando uma verdade muitas vezes de maneira impositivas, sendo perceptível as limitações na escrita dos livros assim como as lacunas deixadas por eles.

Porém, o livro didático não atua sozinho ele serve apenas como um norte para o professor, assim como o é para o aluno. O professor pode trabalhar em conjunto também com outros professores, e ele mesmo pode problematizar as verdades, datas, conceitos e fatos pré-estabelecidos pelos livros, organizar debates, leituras e oficinas, usar as indicações dos próprios livros para enriquecer suas aulas, e ainda buscar nos temas já citados referentes a História Social e a História Cultural, estes que estão mais próximas das várias realidades, dos costumes e do cotidianos dos alunos, uma forma de promover pesquisas e despertar o interesse e a curiosidade dos alunos.

Contudo, analisar as coleções de livros didáticos dispostas no mercado atualmente e sobre as ressonâncias da nova historiografia e dos trabalhos da História Cultural e da História cultural nestas publicações, nos faz observar que mesmo ainda de maneira tímida, o conhecimento histórico e os conteúdos dos livros estão sendo reestruturados e atualizados, emergindo novos sujeitos antes anônimos, novas histórias antes descategorizadas. Os autores refletem acerca das novas contribuições historiográficas, das novas temáticas de trabalhos produzidos, das novas abordagens em sala de aula, do uso de conceitos dispostos nos livros didático, uma vez que este é o “manual” de trabalho do professor e de pesquisa dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABUD, Katia Maria. Formação da alma e do caráter nacional: Ensino de História na Era Vargas. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 18, n. 36, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter (ORG). **A escrita da história: Novas Perspectivas.** São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CAIMI, Flavia Eloisa. **Porque os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História.** Tempo. Rio de Janeiro. P. 17-32, 2007.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e geral, vol. Único.** 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2005.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **A história do ensino de história: objeto, fontes e historiografia (cap. 1) & A história do ensino de história no Brasil: tendências (cap. 2)** In.: _____. História & ensino de História. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 15 – 36.

HUNT, Lyn. **A nova História Cultural**. Rio de Janeiro: Martins fontes, 2001.

KARNAL, Leandro (ORG). **História em Sala de aula. Conceitos, práticas e Propostas**. São Paulo: Contexto, 2012.

RODRIGUES, Jaime; COTRIM, Gilberto. **Saber e fazer história, 6º, 7º, 8º e 9º ano**. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012.